AGRADECENDO A "MEDALHA DA ABOLIÇÃO"

CARLOS STUDART FILHO

Em que pêse à palavra sempre respeitável de S. Exa. o Sr. Governador, aqui não tendes, excelentíssimos senhores, um vencedor orgulhoso de seus feitos, herói a quem a pátria reconhecida houvesse concedido as honras de um triunfo; ante vós tampouco se ergue a figura veneranda de um cidadão de extraordinárias virtudes cívicas, de um homem ilustre nos domínios das ciências ou das letras, alguém enfim, que acabasse de receber, por entre aclamações ruidosas, o Prêmio Nobel, que é, também, a insígnia da benemerência, embora — guardadas as justas proporções — esta cerimônia seja igualmente uma apoteose.

Não poderia, na verdade, qualquer filho do Ceará, receber do seu Govêrno maior galardão, mais dignificante e enternecedora recompensa, do que esta medalha, com que a liberalidade de S. Exia., o Senhor Governador Plácido Aderaldo Castelo, houve por bem agraciar-me, láurea de tanto maior significado quanto viva permanece e permanecerá sempre, com a expressão de verdade irrefragável, a melancólica afirmativa segundo a qual ninguém é profeta em sua terra.

Diante de vós está, Exmos. Srs., apenas um cansado lidador a quem o pêso dos anos e das lutas enrugou a fronte e a inclina triste e suavemente para os mistérios do Além; criatura perplexa, porque, bem conhecendo as suas limitações, sente-se em parte responsável pelo grande e decepcionante equívoco em que VV. Exas. tão desprevenidamente incidem.

Na verdade, o laurel que me foi conferido e que agradeço e recebo com humildade, porque o tenho em conta de generoso estímulo para novas jornadas de labôres, devo-o, ainda, à benevolência de

meus colegas do Instituto do Ceará e, mais particularmente, aos profs. Mozart Soriano Aderaldo, José Bonifácio de Sousa e João Hipólito Campos de Oliveira. Foram êles, êsses varões insignes que tanto vêm opulentando e dando brilho à cultura pátria, em última análise, os promotores desta solenidade. A êles expresso também todo o reconhecimento de meu coração sensibilizado.

Vítimas, por certo, do fascínio de aberrante miragem, viram, refletidos em mim, acreditaram minhas, qualidades de coração, virtudes cívicas e saber de que são êles os legítimos beneficiários. Levados pela fôrça de tão estranha ilusão, propuseram, em sessão do Instituto do Ceará, que o colendo sodalício pleiteasse, para mim, junto ao Govêrno do Estado, a Medalha da Abolição, venera com que o Ceará honra e glorifica as personagens de notório valor e que hoje me foi conferida nesta magnífica festa, que é o reflexo da grandeza do espírito e do civismo de quem a idealizou. Honraram em mim os próprios méritos.

Considero-me, na realidade, apenas um homem corrido e vivido, consoante a pitoresca expressão mui correntia entre nós. Sou simplesmente alguém que, fruindo os benefícios da longevidade, assaz viu e conheceu.

Nascido na plena turbulência dessa fase difícil da história contemporânea que prenuncia o ocaso de uma civilização que, há muito, se desluz e agoniza, fui desde cedo levado, por espontânea inclinação de meu espírito, a observar, com uma curiosidade atenta e sôfrega, os acontecimentos de maior relevância que, em meu derredor, se desenrolavam e que sôbre mim mais vivamente influíram.

De tudo que me foi dado ver e conhecer, fiz motivo para longas meditações e perquirientes análises. Possuo, portanto, apenas o conhecimento que vem da cotidiana experiência e do trato continuado com as coisas da vida, desta vida que tem sido, para mim, a melhor mestra.

Tenho, seja-me permitido insistir, um pouco dêsse saber prático, natural às pessoas longevas, e adoto, talvez por isso mesmo, como princípio diretor das minhas ações, além dos preceitos evangélicos, as normas pregadas pelos filósofos do Extremo Oriente. Rejo-me pelos princípios de moral prática cujos ensinamentos fizeram a glória de Confúcio, mestre que é, incontestàvelmente, o símbolo mais perfeito da sabedoria milenar da velha China.

No longo tirocínio da vida, aprendi o valor da longanimidade e a importância de ser compreensivo e, por isso, fiz da tolerância uma autêntica virtude pessoal.

Exercito-a, porém, de maneira ativa, qual o fazia Sócrates, que dava lições de retórica à divina Aspásia, ensinava à cortesã Teodata a arte de agradar aos homens, penetrava nos lares para acalmar iras e dissensões extremadas, enquanto, simultâneamente, combatia os costumes e as instituições de Atenas e, até, os próprios deuses da

Ática, por lhe parecerem obsoletos, absurdos e injustos, contrários portanto à lei moral que êle pregava e pela qual seria sacrificado.

Exmos. Srs.: Sendo eu alguém que bem sabe reconhecer as próprias limitações, não parece fora de propósito invocar, desde logo, a benevolência dos que me ouvem para a mal tecida rêde de conceitos dispares com que intento agradecer, a S. Exa. o Sr. Governador Plácido Castelo, a outorga da Medalha da Abolição.

Não me foi possível organizar a oração colorida, pomposa e relevante que a importância e galas desta solenidade e a assistência de tantas personagens ilustres estavam a exigir. Não me permitiram a carência de tempo, a pobreza de estro, graves padecimentos oculares e a debilidade oratória que, desde os verdes anos, me aflige e angustia.

Não acreditando na lenda que prefigura o velho Demóstenes vencendo as inibições vocais, impostas por irremediável gagueira, graças a estranho e penoso exercício diuturnamente repetido nas praias da Hélade, nem tendo por verdadeira a *boutade* daquele autor francês que afirmava nascer o homem poeta, mas tornar-se orador, "on nait poête et on devient orateur", jamais tentei superar minhas deficiências tribunícias, cursando aulas de eloqüência ou de retórica.

Obstou, porém, sobretudo, a que minhas palavras tivessem o necessário relêvo o impacto emocional que pesou sôbre mim, ao ter conhecimento de que, dentro de poucos dias, me seria entregue a venera augusta, que fixa e perpetua a memória de um dos acontecimentos de maior expressão na história social do Ceará: a redenção dos negros da oprobriosa condição de escravos, dêles fazendo nossos irmãos e nossos iguais. Tão nobilitante foi, para nós, êsse sucesso e de tamanha magnitude patriótica e histórica, que mereceu de Joaquim Nabuco os justos conceitos que todos temos gravados no coração: "O que o Ceará acaba de fazer, disse-o o mestre da eloqüência parlamentar e um dos maiores capitães da abolição, não significa ainda — *O Brasil da Liberdade;* mas modifica tão profundamente o *Brasil da Escravidão,* que se pode dizer que a nobre província nos deu uma nova pátria. A imensa luz acesa no Norte há de destruir as trevas do Sul. Não há quem possa impedir a marcha dessa claridade."

Mas não é tudo. As palavras refulgentes e autorizadas do aristocrático Nabuco não foram, para nós, apenas uma consagração efêmera, conferiram-nos, para sempre, um título de nobreza; elevaram-nos definitivamente no conceito do mundo cristão, porque a liberdade é um dom de Deus e nós a havíamos revivido; reconheceram-nos um direito: o de considerar motivo de desvanecimento e, até uma glória autêntica, o ser filho do Ceará.

O romano da era imperial, envaidecido de sua nobre procedência, proclamava, como o maior dos seus títulos, a qualidade de cidadão romano: *Civis romanus sum,* e era, por fôrça desta afir-

mativa, reverenciado onde quer que se encontrasse no vasto império dos Césares.

À maneira dos cidadãos da urbe eterna, que a sorte da guerra derramou por sôbre a imensa amplidão territorial que, bordando o Mediterrâneo, se desdobra no rumo de todos os quadrantes do Velho Mundo, ao cearense, também caminheiro incansável, assiste prerrogativa idêntica.

Desde 25 de março de 1884, coube-lhe, com efeito, o direito de dizer, com a mesma ênfase e igual ufania: "sou filho da Terra da Luz", e conquistou tal privilégio por ter vindo ao mundo no recanto bendito onde viveram, lutaram e venceram os idealistas da Abolição, modelos de virtude e de honra, que bem souberam merecer o renome e a glória.

Tão legítimo direito lhe será ainda mais bem reconhecido, quando os homens do Brasil, voltando as vistas para a contemplação dos humilhados povos do Levante Europeu e Extremo Oriente, houverem compreendido todo o alto e amplo significado de liberdade e, a partir dêste momento, todos decerto se curvarão reverentes ante nossos coestaduanos, à simples menção de sua origem.

E é êsse feito de reflexos assim brilhantes que fixa e rememora a dignificante insígnia que acabo de receber, cheio de entusiasmo cívico.

Ela expressa, também, um sentimento: a gratidão da nossa gente àqueles que foram os eleitos de Deus para realizar a grande, a imensa obra redentorista.

Exmos. Srs. Terminando, quero manifestar, mais uma vez, a S. Exa., o Sr. Governador Plácido Aderaldo Castelo, tôda a minha gratidão pela subida honra que me concedeu, outorgando-me a Medalha da Abolição, e por se ter dignado de vir, em pessoa, entregar-me a nobilitante insígnia. Faço-o não apenas no cumprimento de um dever protocolar ou porque o reconhecimento, consoante a feliz expressão de J. Droz, prolonga sempre o prazer que produziu o benefício recebido, mas ainda porque êsse sentimento tem a aquecê-lo o calor de minha admiração por S. Exa., admiração que já deve ter feito bater o coração e incendiar a mente de todos aquêles que, no Ceará, se dão às nobres coisas do espírito.

Em meio de tantas e tão raves preocupações de ordem política, social, administrativa e econômica, que ora assoberbam os homens do govêrno, — porque, di-lo Almeida Garrett, dura e áspera é a máquina de governação e tanto maiores são as resistências que encontra, quanto mais reto o seu trabalho — S. Exa. ainda se esforça por honrar as artes e as letras. Ora, isso, "é nobre, alto e grandioso".

Quando, por tôda parte, rola "um sarcástico desdém, pelas altas manifestações da inteligência" e do sentimento, e a lépida zombaria

da turba cai sôbre ela, S. Exa. prestigia e estimula a cultura, distribuindo recompensas, entregando prêmios àqueles que passam a existência na perene contemplação das belezas eternas, ou fazem do estudo a maior preocupação da vida.

Nesta época, de técnicos, tecnismo e tecnicidades, quando, "o socialismo leva ao pretório as altas manifestações de humanismo: ciências e artes humanísticas, moral humanística; tôda cultura humanística", enfim, S. Exa. cria uma Secretaria de Cultura — a primeira organizada no Brasil — e, à frente dela, coloca Raimundo Girão, nome que é, por si só, uma garantia de pleno êxito pelo seu alto padrão de saber. Bem haja S. Exa.

Exmos. Srs. Agradeço, outrossim, com a veemência do meu mais profundo reconhecimento, a todos aquêles que ora me distinguem com a sua presença animadora e amável.

Muito obrigado.